**Guião para a celebração**

Uma imagem com texto

Descrição gerada automaticamente

**I. Ritos de entrada**

**Monição inicial**

P.***Todos juntos na Arca da Aliança.***

Estamos a celebrar o 4.º domingo da Quaresma, o domingo «*laetare*», o domingo que traz o convite à alegria, porque o exílio e o confinamento não duram sempre; alegria porque a misericórdia de Deus é sempre maior que o nosso pecado; alegria porque o perdão é um dom capaz de fazer uma nova criação; alegria porque as trevas da noite dão lugar à luz mais clara que o dia. Alegria porque, nesta subida a Jerusalém, cheira já a Páscoa.

Por esta alegria, a Liturgia da Igreja alivia do roxo para se vestir hoje de cor-de-rosa.

**Ato penitencial | *Kyrie***

P. Irmãos e irmãs: no espírito da nossa caminhada, somos chamados a descobrir, nesta 4.ª semana, o tesouro do perdão, o dom maior, sem o qual a vida em família se torna irrespirável. Este perdão aos outros só é possível, se o recebermos de Deus. E só o receberemos de Deus, se reconhecermos as nossas culpas, se confessarmos os nossos pecados, se nos arrependermos das nossas faltas. Este é o momento para o fazermos.

*Silêncio*

P. Senhor, Tu amas-nos como somos. Mas nós nem sempre nos aceitamos a nós próprios, com as nossas fraquezas e limitações; nem sempre sabemos perdoarmo-nos a nós mesmos. Perdoa-nos, Senhor, para que o teu perdão acolhido nos torne capazes de perdoar a todo e a qualquer irmão, de todo o coração.

Coro: *Kyrie, eleison*. – ou Senhor, tem piedade de nós!

Assembleia: *Kyrie, eleison*. – ou Senhor, tem piedade de nós!

P. Cristo, Tu não nos condenas, quando pecamos. Tu salvas-nos, pelo Teu grande amor e não pelos nossos méritos. O Teu amor incondicional não se compra nem se paga. Senhor, dá-nos a graça de perdoar sempre, para que a nossa família seja lugar de compreensão, companhia e incentivo, e não de tensão ou de castigo mútuo.

Coro: *Christe, eleison.* – ou Cristo, tem piedade de nós!

Assembleia: *Christe, eleison* .– ou Cristo, tem piedade de nós!

P. Senhor, o perdão é o tesouro mais precioso de que a família precisa, para impedir que o vírus do pecado destrua o elo mais fraco da aliança! Senhor, apesar de tantas vezes termos sido infiéis à aliança, não Te afastes de nós; estabelece entre Ti e esta família um vínculo novo, tão forte, que nada o possa destruir.

Coro: *Kyrie, eleison*. – ou Senhor, tem piedade de nós!

Assembleia: *Kyrie, eleison*. – ou Senhor, tem piedade de nós!

**Ato penitencial | *Kyrie* – 2.ª proposta – inspirada na Liturgia Familiar**

P. Senhor, quantas vezes nos esquecemos de Ti e nos tornamos cúmplices da mentira e da violência!

Coro: *Kyrie, eleison*. – ou Senhor, tem piedade de nós!

Assembleia: *Kyrie, eleison*. – ou Senhor, tem piedade de nós!

P. Cristo, quantas vezes fomos infiéis à aliança que fizeste connosco e desfiguramos o rosto da Tua Igreja a que pertencemos!

Coro: *Christe, eleison.* – ou Cristo, tem piedade de nós!

Assembleia: *Christe, eleison.* – ou Cristo, tem piedade de nós!

P. Senhor, Vós criastes-nos para fazer o bem e ressuscitais-nos da morte do pecado!

Coro: *Kyrie, eleison*. – ou Senhor, tem piedade de nós!

Assembleia: *Kyrie, eleison*. – ou Senhor, tem piedade de nós!

**II. Liturgia da palavra**

**Homilia no IV Domingo da Quaresma B 2021**

*Todos juntos na Arca da Aliança!* Estarmos *juntos*, por algum tempo, no abrigo da nossa casa, é muito agradável. Estarmos juntos, por muito tempo, fechados em casa, em regime de confinamento, é um teste de resistência e de resiliência. O egoísmo, o desacordo, as tensões, os cansaços, os conflitos vêm ao de cima e agridem, de forma violenta e às vezes mortal, a comunhão familiar. Este desafio é tanto maior quanto ele dura e perdura há praticamente um ano. De algum modo, a experiência do Povo de Deus, no seu exílio na Babilónia, descrita na 1.ª leitura, pode servir-nos de inspiração. Também nós vivemos como que exilados (2 Cor 5,6), impedidos de sair, de conviver, de festejar a vida e até de celebrar juntos a nossa fé. Que tem afinal a ensinar-nos o exílio do Povo de Deus, nesta espécie de *sábado santo contínuo (Cr 36,21; Jr 25,11)* a que pandemia nos submeteu? Três coisas simples:

**1.º: *Transformemos este tempo para esquecer num tempo para purificar a memória.*** Israel, no exílio, interroga-se sobre as suas culpas e dá-se conta de que isso resultou da sua infidelidade à aliança, dos ouvidos fechados à Palavra de Deus, da indiferença à mensagem dos profetas. O Povo tenta ler e reler a sua história, reconhecendo as suas culpas e pecados. Mas, para não perder a esperança, recorda-se também de Jerusalém e das maravilhas realizadas por Deus outrora, em favor do Seu Povo. O Povo de Deus deixa-se consolar pela palavra dos Profetas, sentinelas da aliança, e confia-se à misericórdia do Senhor, que, por fim, o libertará.

Este é um belo desafio, em tempo de confinamento: casais e pais, pais e filhos, não percamos a graça deste tempo: confessemos uns aos outros os nossos pecados; partilhemos as nossas aventuras e desventuras; purifiquemos a memória das nossas falhas e recomeços; limpemos do coração velhas mágoas e ressentimentos; lembremo-nos das nossas faltas e perdoemo-nos uns aos outros, de todo o coração. E perdoar não é esquecer, é recordar de modo diferente, é purificar a memória, para não deixar que a ofensa recebida continue a contaminar o coração como um vírus; perdoar permite-nos tirar de um mal um bem maior. Se é verdade que *Deus escreve direito por linhas tortas*, este é um tempo em família para ler, à luz da Cruz, o que Deus escreveu na nossa vida pessoal e familiar. O Seu perdão oferece-nos sempre oportunidades de voltar e de recomeçar. De cara lavada, de memória purificada!

**2.º:** ***Transformemos este tempo sem Templo, num tempo santo***. No exílio, o Povo de Deus não tem sacerdote, nem Templo para oferecer sacrifícios. Pois bem, reza com as suas lágrimas e redescobre o tesouro das orações antigas e dos cânticos aprendidos de cor. Reza em casa, recordando aos filhos a beleza da aliança, os acontecimentos da história, as festas do Povo, e explicando-lhes o seu significado. Israel promove a oração e a catequese familiar em sua própria casa e, logo depois, o culto na sinagoga. Em vez da liturgia dos sacrifícios e holocaustos, no grande Templo de Jerusalém, dedica-se à oração e à escuta da Palavra de Deus.

Queridos irmãos e irmãs: este é também um tempo sem templo. *Exilados* em nossas casas, privados da celebração presencial da Eucaristia, tornemos habitável o templo interior do nosso coração com a oração, o arrependimento e o perdão; façamos da família uma Igreja doméstica, onde a fé se transmite, porque se reza e escuta a Palavra, porque se pratica a verdade, porque se faz memória da bondade de Deus, na vida de cada um, oferecendo aos outros o perdão que se recebe de Deus!

**3.º: *Continuemos a caminhar, subamos a Jerusalém. Depois do exílio, o Povo de* Deus** acolhe este convite: “*Quem de entre vós fizer parte do seu povo, ponha-se a caminho e que Deus esteja com ele*” (2 Cr 36,23). Literalmente, o desafio é: «*Suba a Jerusalém*». Este é o convite de Jesus (cf. Mt 20, 18), no caminho para a Páscoa. Este é o convite feito pelo Papa, na sua Exortação às famílias: “*Avancemos, famílias; continuemos a caminhar! Aquilo que se nos promete é sempre mais. Não percamos a esperança por causa dos nossos limites* (e pecados)*, mas também não renunciemos a procurar a plenitude do amor e da comunhão que nos foi prometida*” (AL 325). Caminhemos, subamos a Jerusalém, *todos juntos na Arca da Aliança*!

**Credo**

P. Credes em Deus Pai, rico em misericórdia, que amou de tal modo o mundo que lhe entregou o Seu Filho Unigénito?

R. Sim, creio.

P. Credes em Jesus Cristo, o Filho do homem que, subindo até Jerusalém, nos salvou pela graça do Seu amor?

R. Sim, creio.

P. Credes no Espírito Santo, que nos ilumina com a Sua luz, para praticarmos a verdade no amor?

R. Sim, creio.

P. Credes na Santa Igreja, a nova Jerusalém, que desce do Céu, para edificar na Terra o Reino de Deus?

R. Sim, creio.

P. Credes na ressurreição, na plenitude da vida em Cristo, recriada e transformada pelo poder do amor mais forte do que o pecado e a morte?

R. Sim, creio.

**Oração dos fiéis**

P. Oremos todos a Deus, Pai de misericórdia, pois este é o tempo favorável para acolher e oferecer o perdão de Deus. Deixemo-nos abrir à Sua graça.

R. **Pai, contemplando Jesus, acolhemos a Tua misericórdia e o Teu perdão!**

1. Pela Santa Igreja: para que rejeite qualquer discurso ou atitude de condenação e saiba oferecer sempre palavras e gestos de perdão. Oremos.
2. Por aqueles que governam: para que rejeitem as palavras e os gestos de ameaça e procurem caminhos de diálogo e de reconciliação. Oremos.
3. Pelos que se julgam sem pecado ou sem perdão: para que se deixem olhar e tocar pelo amor redentor de Cristo, que a todos ama. Oremos.
4. Pelas nossas famílias: para que não sejam lugares de violência, escândalo ou divisão, mas lugares do perdão, que recria, cura e consola. Oremos.
5. Por todos nós: para que vivamos a experiência do confinamento como tempo de purificação da memória, como tempo de interiorização da fé e como tempo para tornar cada família uma verdadeira Igreja doméstica. Oremos.

P. Deus de misericórdia, que, pelo Vosso Filho, realizais admiravelmente a reconciliação do género humano, concedei ao povo cristão fé viva e espírito generoso, a fim de caminhar alegremente para as próximas solenidades pascais. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

R. Ámen.

**III. LITURGIA EUCARÍSTICA**

**Cântico na apresentação dos dons | Oração sobre as oblatas | Prefácio da Quaresma V | Santo | Oração Eucarística II | Aclamação:** *Mistério da Fé para a salvação do mundo…* **| Ritos da Comunhão**

**IV. RITOS FINAIS**

**Rito da Caminhada**

*Tirar da Arca da Aliança o tesouro do perdão.*

P. O perdão é o tesouro a descobrir, a receber de Deus e a oferecer aos outros, porque todos reconhecemos em nós esta face negra do pecado, da infidelidade à aliança, da imperfeição no amor. Esta é uma boa semana para refletir em família sobre o amor que tudo perdoa e sobretudo a pô-lo em prática. Escutai esta parábola (de Anthony de Mello).

Leitor:

Um dos mais desconcertantes e deliciosos ensinamentos do Mestre era este:

‘Deus está mais perto dos pecadores que dos santos’.

E explicava-o assim:

‘Do céu, Deus segura cada pessoa, com uma corda.

Quando pecas, cortas a corda.

Então Deus repara a corda, fazendo um nó,

com o qual te aproxima um pouco mais d’Ele.

Por cada pecado que cometes

cortas uma e outra vez a corda.

E com cada novo nó,

Deus vai-te aproximando

cada vez mais d’Ele’.

P. Em família, podemos:

* Realizar a Liturgia Familiar proposta e/ou adaptada.
* Tecer uma corda ou laços com os nomes dos membros da família e colocar no cantinho da oração.
* Desenhar as mãos unidas de todos os membros da família e colocar no cantinho **da oração.**
* Fazer um exame de consciência familiar.
* Fazer um exercício de correção fraterna.
* Fazer memória, contando momentos e gestos de perdão e de reconciliação vividos em família.
* Celebrar o Dia do Pai, a 19 de março. Missa às 19h00.
* Oferecer uma pagela pintada à mão com a imagem e a oração a São José.
* Rezar a Oração de São José.

**Avisos (a ver)**

**Bênção final | Despedida**

**Oração da 4.ª semana da Quaresma B 2021**

Senhor,

Tu perdoas-nos sempre e de graça,

sem contrapartidas, sem o merecermos,

apesar de tantas vezes termos sido infiéis

à aliança com que nos envolves no Teu amor.

Senhor, que o Teu perdão sem medida

reate os laços desfeitos da nossa comunhão

e cure toda a ferida aberta pela ofensa,

ou alguma mágoa escondida no nosso coração.

Faz da nossa casa um lugar de perdão,

que ofereça a todos um voto de confiança,

para nos levantarmos da queda e do chão

e caminharmos sempre em frente,

todos juntos, na Arca da Aliança.

**Oração de bênção da mesa – proposta da Diocese do Porto**

Guia: Pai, nós damos-Te graças, por estes alimentos e pelo perdão que recebemos de Ti e oferecemos uns aos outros. Que o Teu amor, entrelaçado no nosso amor mútuo, nos sacie e revigore todos os nossos irmãos. Por Cristo, nosso Senhor. Todos: Ámen.

**Uma imagem com texto

Descrição gerada automaticamente**

**CATEQUESE SOBRE O PERDÃO**

Não se trata, aqui, de um perdão prematuro, de um perdão barato, tipo «deixa lá», «não te preocupes» «não ligues», «esquece». Esse é um tipo de perdão, que absolve sem dar tempo, sem fazer o esforço de examinar o que a amargura diz à alma. É um perdão de disfarce, para dar na vista, mas que deixa a ferida aberta, ou que a tapa sem curar. Este falso perdão pode fazer submergir em nós sentimentos que, de repente, virão de novo à tona, talvez deslocados, mas que, ainda assim, lá estarão, até que os enfrentemos a sério.

O verdadeiro perdão, tal como o perdão de Deus, é assente no pleno reconhecimento do ato que trespassou o nosso coração, no pleno conhecimento do motivo, na plena aceitação da condição humana: afinal as pessoas são assim, fazem mesmo este tipo de coisas. E eu sou como essas pessoas, a quem Deus perdoa sempre. Mas que caminhos podemos percorrer, para chegar a este “perdoar de todo o coração”? Que fazer, se me sinto incapaz deste perdão?

*O primeiro caminho é o de assumir, eu mesmo, a minha condição de pecador.*

Eu sou tão fraco, como aquela pessoa que me ofendeu! Quando nos conhecemos a nós próprios, quando reconhecemos os nossos pecados, torna-se muito mais fácil perdoar aos outros. A incapacidade de perdoar a alguém vem da incapacidade de nos deixarmos perdoar a nós mesmos. E a incapacidade de nos deixarmos perdoar vem da falta de humildade, em reconhecer o nosso pecado. E sem este reconhecimento, Deus fica fora de cena. Por isso, peçamos a Deus, a graça de nos sentirmos pecadores.

O segundo caminho é o de saber que *a minha vida é rica de mais, para ser destruída por uma ofensa*, por um ato que vem de fora, por qualquer coisa que é exterior a mim. Se a nossa vida estiver mais assente no que somos, do que naquilo que os outros nos fazem ou fazem de nós, haverá muito menos coisas a perdoar. *É preciso assumir isto: O que te destrói não é o que os outros te fazem, mas aquilo que tu fazes*. E é esse (mal) o alvo a abater e a combater. Concentra-te nas tuas falhas e não na ofensa recebida, pela falha dos outros. Se assim for, embora o mal te tenha sido feito, o teu espírito permanece intacto e até se robustecerá. Perdoar a alguém não quer dizer que aquilo que a pessoa te fez está certo; só quer dizer que aquilo que ela te fez, no final de contas, não pode destruir-te.

*Para perdoar, não nos deixemos, portanto, atingir pela ofensa, não levemos em conta o mal recebido*.

A ira, a mágoa, a amargura, atingem muito pouco aquele que nos magoou… mas magoam-nos profundamente a nós, se nos fecharmos sobre nós próprios, dando demasiado importância à ofensa recebida. A ira, o rancor, consome-me o coração, envenena-me a mente, esgota-me as energias e endurece-me a alma. Aquilo que eu me recuso a perdoar, continua a fazer-me mal. É um ácido derramado na própria alma. Para quê determo-nos naquilo que nos magoa? Porquê permanecer atolado no pântano da amargura? Sem o perdão a vida é governada por um ciclo de infinito ressentimento e de retaliação. A vida é uma aventura de perdão. Deixar de perdoar, manter a memória fixa da ofensa é um fardo demasiado pesado para se carregar. Asfixia a alegria da vida. Bloqueia a nossa capacidade de nos movermos. Torna impossível o crescimento. Paralisa-nos no veneno da serpente que nos mordeu. O perdão liberta-nos do fardo da ira. Aquilo que me recuso a perdoar continua a causar-me mal. O perdão ocorre quando já não sentimos necessidade de guardar rancor. A paz só vem quando perdoamos. Se queres a paz, oferece o perdão.

E, por fim, voltamos à relação entre perdão e oração. Para perdoar de todo o coração é preciso rezar. Porque rezar é abrir portas, para deixar Deus entrar. *“Quando não rezamos, fechamos as portas ao Senhor para que Ele não possa fazer nada. Pelo contrário, diante de um problema, de uma situação difícil, de uma calamidade, a oração abre as portas ao Senhor, para que Ele venha. Ele refaz as coisas, Ele sabe arranjar as coisas, colocá-las no lugar. Rezar é isso: abrir as portas ao Senhor. Se as fecharmos, Ele não pode fazer nada*” (Papa Francisco).

**OUTRAS HOMILIAS E TEXTOS**

**IV DOMINGO DA QUARESMA B**

**Homilia no IV Domingo da Quaresma B 2018**

***O amor é amável*** (*1 Cor* 13,5)

Descemos mais um degrau na escada do amor, à medida que Jesus sobe para a escada da Cruz. Ali, o Filho do homem será elevado, para que o mundo, atraído pelo Seu olhar amável, seja salvo por Ele. Realiza-se, em pleno, a profecia da serpente que Moisés colocara sobre o poste: quem olhasse para ela, ficava curado (*Nm* 21,8).

1. Ficava curado, não, obviamente, por causa da virtude terapêutica da serpente, muito menos pela força mágica do seu bronze. Mas ficava curado por causa desse olhar, desse assumir o pecado, frente a frente, diante do mal e do seu veneno, desenhado e especado naquele poste, mas escondido e envergonhado dentro de cada um. Na «serpente» está, em negativo, a imagem daquilo que eu sou e não quero ver. Naquela «serpente», exposta ao olhar, fala-me tudo aquilo que é meu e tenho medo de assumir, de confessar ou de dizer.

2. Mas ponhamo-nos, agora, de frente à Cruz, onde o Filho do homem é elevado, «*como a serpente no deserto*» (*Jo* 3,14-15). E ali, na Cruz, passam dois filmes: volta o filme da “serpente” do meu pecado, da minha violência, da minha malícia, da minha malvadez. Mas passa igualmente o filme do perdão subversivo de Deus, que acolhe esta violência e a dissolve no Seu amor. Se, na serpente, o crente era levado a reconhecer o seu próprio pecado, na Cruz o cristão vê-se alcançado pelo olhar misericordioso do Senhor. Por isso, quem se deixa atrair pelo olhar amável de Jesus na Cruz, não se sente acusado, incriminado ou condenado, mas acolhido, perdoado, curado e redimido. De olhos fitos na Cruz, reconheço com toda a verdade: «*Senhor,* *como é grande o meu pecado*». Mas, ao mesmo tempo, atraído pelo olhar amável do Crucificado, espetado na Cruz, deixo que Ele me diga simplesmente: «*Tu és infinitamente amado*».

3. Neste esforço quaresmal de praticar a verdade e de nos examinarmos no amor, nesta semana tomemos como atributo a amabilidade, a delicadeza, a gentileza, porque o amor não é inconveniente, o amor não é grosseiro, o amor não se impõe à força, com dureza ou agressividade, não entra de “chancas”, não arromba a casa, não entra de rompante; o amor sabe esperar que se abra a porta do coração do outro para poder entrar, de mansinho, descalçando as sandálias, com pezinhos de lã. Numa palavra, “*o amor é amável*” (*1* *Cor* 13,5). A gentileza é, por isso, irmã da caridade, que apaga o ódio e conserva o amor. Sim, a gentileza preserva o amor e, hoje, nas nossas famílias, no nosso mundo, muitas vezes violento e arrogante, precisamos muito desta gentileza.

4. O olhar amável do amor, tal como o de Jesus no alto da Cruz, faz com que não nos fixemos nos defeitos, limites e pecados do outro; antes pelo contrário, o amor sabe encobri-los e encontrar pontos de contacto com o irmão; sabe dizer-lhe palavras de incentivo, que o reconfortam, fortalecem, consolam e estimulam, como aquelas que Jesus dizia às pessoas “*Filho, tem confiança*» (Mt 9,2), «*Grande é a tua fé*» (Mt 15,28), «*Levanta-te*» (Mc 5,41), «*Vai em paz*» (Lc 7,50). E, mesmo lá, no alto da Cruz, ferido no Seu Amor não amado, Jesus profere palavras amáveis e de consolação: «E*is o teu filh0; eis a tua Mãe*» (Jo 17,26-28), «P*erdoai-lhes, Senhor*» (Lc 23,34), «H*oje mesmo estarás comigo no paraíso*» (Lc 23,43). Na família, é preciso aprender esta linguagem amável de Jesus (cf. AL, 99-100)!

**5.** Queridas famílias: durante esta semana, sugerimos que vos dediqueis, por algum tempo, a fazer um exame de consciência, na verdade e no amor! Fazei-o, não como quem condena ou censura, mas como quem, por amor, procura o maior bem e a cura do outro! Que cada um saiba dizer, com verdade, ao outro: «*Tu sabes tudo, sabes bem do meu pecado*» e o outro possa responder, com um olhar amável e afável: «*Fica tranquilo; sabes bem que és o meu amado*». “*O amor é amável*” (*1* *Cor* 13,5).

**Homilia NO IV DOMINGO DA QUARESMA B 2015**

**1.** *“Abre a tua porta à alegria do Evangelho”!* E não nos faltam boas notícias e boas razões para esta alegria:

**1.1.** Para os hebreus, esta alegria do evangelho é proclamada de viva voz, e por decreto de Ciro, um rei pagão: o povo de Deus, depois de um longo exílio na Babilónia, pode regressar a casa, reconstruir a vida e o Templo de Jerusalém. Os que semeiam com lágrimas, recolhem com alegria!

**1.2.** Para Nicodemos, a boa notícia, fonte de uma alegria maior, é tão simples como isto: «*Deus amou de tal modo o mundo, que lhe enviou o Seu Filho Unigénito*». Na verdade, este mundo, criado por Deus, é amado por Ele. Esta humanidade, criada por Deus, é recriada e salva, por Jesus Cristo, na Cruz, naquele ato de suprema entrega. Doravante, só é condenado, quem se põe fora deste amor, quem se julga sem pecado, e, por isso mesmo, rejeita ser perdoado. E, por isso, Deus não condena ninguém! E nem sequer alguém chega a ser condenado, por causa do seu pecado. A nossa perdição não é o pecado, mas a sua negação, que nos leva a fechar a porta ao perdão de Deus.

**1.3.** Para os cristãos de Éfeso, São Paulo anuncia o essencial da alegria do evangelho: fomos salvos, de graça! A salvação não é, pois, obra do esforço e do mérito de cada um. Mas é obra de Deus, que nos ama e nos chama a receber e a corresponder ao Seu amor. Por isso, diz São Paulo, “*ninguém se pode gloriar”*.

**2.** De que se pode então gloriar o cristão? Disse-o com grande frontalidade o Papa Francisco: “*os cristãos podem gloriar-se de duas coisas: dos seus pecados e de Cristo crucificado*”. Posso gloriar-me dos meus pecados,na medida em que eles me fazem cair na realidade. Posso gloriar-me dos meus pecados, na medida em que estes me ajudam a assumir a minha fragilidade. Posso gloriar-me dos meus pecados pois, nessa fraqueza, é possível render-me e cair nos braços e abraços deste Deus, rico em misericórdia. Quem julga não ter pecado, esse é que está desgraçado, porque deixa Deus de lado e fecha a porta ao Seu perdão. Pelo contrário, quem tem consciência da experiência do pecado estende para o alto da Cruz a sua mão, para pedir o perdão e assim abre a porta à salvação. Por isso, diz o Papa: “*o lugar privilegiado para o encontro com Jesus Cristo são os nossos pecados. Quando o cristão não é capaz de se sentir um pecador, salvo pelo sangue de Cristo Crucificado, ele torna-se um ‘meio-cristão’, um ‘cristão morno’. A força da Palavra de Deus e da vida cristã está naquele preciso momento, em que eu, pecador, encontro Jesus Cristo, e aquele encontro transforma a minha a vida e me dá a força de anunciar aos outros a salvação*”.

**3.** Esta semana, propomos-te este exercício espiritual: De olhos fitos na Cruz, reconhece: «*Senhor,* *como é grande o meu pecado*». Mas, ao mesmo tempo, atraído do alto pelo olhar do Crucificado, deixa que Ele te diga: «*És infinitamente amado!*» E, neste diálogo, interroga-te, sem medo de nenhuma sombra de pecado:

**3.1.** Sou capaz de dizer ao Senhor: ‘*tem piedade de mim, que sou pecador?*’ e de confessar com verdade o meu pecado, na certeza do seu perdão? Ou o meu orgulho impede-me de conhecer e reconhecer o pecado e assim de ser perdoado?

**3.2.** Sou agradecido diante do Senhor, de modo que não deixo de O glorificar, com o meu sentido «obrigado»? Ou sofro de Alzheimer espiritual, a ponto de esquecer o meu encontro pessoal com Cristo, na oração e na Eucaristia dominical?

**4.** Nesta quarta semana, poderás escrever no verso da letra «G» do puzzle o nome de três pessoas a quem agradeces terem-te aberto as portas altas da salvação, no batismo: os teus pais, os teus padrinhos, os teus avós… Esta semana saberás dizer ao Senhor, um “*obrigado*” por tudo e por todos. Glorifica o Senhor, sempre e em toda a parte! Lembra-te: «*É nosso dever. É nossa salvação*» …

**Homilia no IV Domingo da Quaresma B 2012**

**1.** «*Verdade ou consequência»* é um jogo popular, muito querido aos mais novos! Forma-se uma roda e um dos participantes pergunta a outro: "*Verdade ou Consequência*?" Se escolher "*verdade*", ele terá de responder com sinceridade a uma pergunta do primeiro. Se escolher "*consequência*", ele deverá sujeitar-se à imaginação dos outros jogadores, que o sujeitarão a alguma prova mais difícil!

**2.** Lembrei-me deste jogo, ao escutar a primeira leitura deste domingo! O cronista não se limita a descrever o que se passou, naqueles longos e difíceis anos de exílio, que o Povo hebreu sofreu na Babilónia (587-538 a.C.). O autor da crónica joga os dados todos, e põe e expõe, por escrito, toda a “*a verdade*” diante dos nossos olhos. O exílio não foi vingança de um Deus, irritado com a infidelidade do seu Povo! O dito “*castigo*” foi apenas a “*consequência*” do comportamento rebelde de um povo infiel à aliança: “*multiplicaram as suas infidelidades, imitando os costumes abomináveis das nações pagãs, e profanaram o templo*”. Não faltaram, porém, e com muita antecedência, os avisos dos “*profetas*”, como Jeremias, a alertar para os riscos de tais atitudes! Mas quê? Eles «*escarneciam dos mensageiros de Deus, desprezavam as suas palavras e riam-se dos profetas, a tal ponto que deixou de haver remédio*». Assim ficam claras quer a “*verdade”* quer a *“consequência”*: quando a Palavra do Senhor é ignorada e a lei de Deus é ridicularizada, desprezada ou achincalhada, quando a aliança com Deus é traída, o resultado só pode ser o mal e a destruição!

**3.** O remédio, depois de sofrer na pele as consequências, é confessar a verdade, reconhecer os erros e voltar à aliança! Deus não permitirá que o seu povo caia, num poço sem fundo, de olhos vendados à esperança! Porque apesar da nossa indignidade, somos destinatários da misericórdia infinita de Deus. Deus ama-nos, de um modo "obstinado" e envolve-nos, com a sua ternura inesgotável. Por isso mesmo, é que Deus pôde tirar do mal do exílio um bem maior; a partir daí tocou o coração do seu povo e abriu-lhe, por fim, um caminho de regresso a casa, pelas mãos de Ciro, o rei pagão da Pérsia.

**4.** Queridos irmãos e irmãs: Aquilo que tantas vezes, nos parece um “castigo de Deus” não é mais do que uma provação, que nos convida a praticar a verdade, a corrigirmo-nos do nosso mau proceder, para alcançarmos o perdão! Deus nunca nos considera um caso perdido! Isso mesmo nos confirmava São Paulo: "*Deus, rico em misericórdia, pelo amor imenso com que nos amou, precisamente a nós que estávamos mortos pelas nossas faltas, deu-nos a vida com Cristo*" (Ef 2, 4-5).

**5.** Pratiquemos então a verdade, na caridade! Aproximemo-nos da luz!

Para isso, durante esta semana, sugerimos aos casais, aos pais e filhos, que dediquem algum tempo a fazer um exercício de correção fraterna, em que cada um corrija os defeitos de outro e se deixe igualmente corrigir pelos outros! Façamo-lo, não como quem condena ou censura, mas como quem, por amor, procura o bem espiritual do outro! Poderíeis fazê-lo, como uma espécie de jogo “*verdade ou consequência*”. Se o inquirido escolher "*verdade*", terá de responder com sinceridade a uma pergunta, sobre um erro ou defeito que menos gosta de ver no outro. Se escolher "*consequência*", deverá sujeitar-se à sinceridade de todos os outros, que lhe vão fazer lembrar os efeitos dos seus defeitos. Todos devem passar por este exercício. No final, todos sairão vencedores! E o prémio a partilhar é uma palavra ou um gesto de perdão, um beijo, um abraço, um sorriso! O perdão é afinal o tesouro mais precioso, de que a família precisa, todos os dias, de dar e de receber, para impedir que o veneno da “traça” desfaça o elo mais fraco da aliança!

**Oração dos Fiéis - IV Domingo da Quaresma B 2012**

P- A Deus, que amou de tal modo o mundo, que nos deu o Seu Filho, confiamos as dores, os gemidos e as preces do mundo em que vivemos, dizendo: **Cristo, Luz do Mundo, ouvi-nos!** *(ou outro cantado)*

1. Pela Igreja de Jesus Cristo: para que se aproxime sempre da Luz, praticando humildemente a Verdade. Oremos.
2. Pelos que têm responsabilidade nos desígnios de paz para este mundo: para que, guiados pela Luz da Verdade, encontrem caminhos novos de justiça, de amor, de liberdade. Oremos.
3. Pelas crianças e adultos, da escola católica de Saint Lambert, na Bélgica, vítimas de um trágico acidente, no regresso de umas férias: para que, junto de Deus, alcancem para os seus familiares vivos a luz da consolação e da esperança. Oremos.
4. Por todos nós, reunidos em Eucaristia, para que não nos gloriemos nas nossas boas obras, mas acolhamos a salvação de Deus, como dom de Vida nova. Oremos.

**P-** Senhor, nosso Deus, ouvi as orações dos vossos servos, afastai as trevas que nos cercam, fazei brilhar a luz do Vosso Filho e dirigi os nossos corações para a Luz da sua Páscoa. Ele que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

**Homilia no IV Domingo da Quaresma B 2012 – Missa com Catequese**

**1.** «*Verdade ou consequência»* é um jogo popular conhecido! Sabeis bem como ele se realiza: Forma-se uma roda e um dos participantes pergunta a outro: "*Verdade ou Consequência*?" Se escolher "*verdade*", ele terá de responder com sinceridade a uma pergunta do primeiro. Se escolher "*consequência*", ele deverá sujeitar-se à imaginação dos outros jogadores, que o sujeitarão a alguma prova mais difícil!

**2.** Lembrei-me deste jogo, ao escutar a primeira leitura deste domingo! O autor daquela crónica (daquele registo histórico) não se limitava a descrever o que se passou, naqueles longos e difíceis anos de exílio, que o Povo hebreu sofreu na Babilónia (587-538 a.C.). O autor expõe, por escrito, toda a “*a verdade*” diante dos nossos olhos. O exílio (os anos terríveis que viveram fora da sua terra, na Babilónia) afinal não foi vingança de um Deus qualquer, irritado com a infidelidade do seu Povo!

**3.** O dito “*castigo*” foi apenas a “*consequência*” do comportamento rebelde de um povo infiel à aliança: “*multiplicaram as suas infidelidades e profanaram o templo*”. Não faltaram, porém, e com muita antecedência, os avisos dos “*profetas*”, como Jeremias, a alertar para os riscos de tais atitudes! Mas quê? Eles «*faziam pouco dos mensageiros de Deus e riam-se dos profetas, a tal ponto que deixou de haver remédio*». Assim ficam claras quer a “*verdade”* quer a *“consequência”*: quando a Palavra do Senhor é ignorada, quando a aliança com Deus é traída, o resultado só pode ser o mal e a destruição!

**4.** O remédio, depois de sofrer na pele as consequências, é confessar a verdade, reconhecer os erros e voltar à aliança! Deus não permitirá nunca que o seu povo caia, num poço sem fundo. Por isso mesmo, é que Deus pôde tirar do mal do exílio um bem maior; a partir daí tocou o coração do seu povo e abriu-lhe, por fim, um caminho de regresso a casa, pelas mãos de Ciro, o rei pagão da Pérsia.

1. Queridos meninos: Às vezes dizem-vos que «Deus castiga». O que é errado! Aquilo que tantas vezes parece um “castigo de Deus” não é mais do que uma provação, que nos convida a praticar a verdade, a corrigirmo-nos do nosso mau proceder, para alcançarmos o perdão! Deus nunca nos considera um caso perdido! O seu amor por nós leva sempre a melhor!
2. Pratiquemos então a verdade, na caridade! Aproximemo-nos da luz! Para isso, durante esta semana, sugerimos aos casais, aos pais e filhos, que dediquem algum tempo a fazer um exercício de correção fraterna, em que cada um corrija os defeitos de outro e se deixe igualmente corrigir pelos outros! Façamo-lo, não como quem condena ou censura, mas como quem, por amor, procura o bem espiritual do outro! Poderíeis fazê-lo, como uma espécie de jogo “*verdade ou consequência*”. Se o interrogado escolher "*verdade*", terá de responder com sinceridade a uma pergunta, sobre um erro ou defeito que menos gosta de ver no outro. Se escolher "*consequência*", deverá sujeitar-se à sinceridade de todos os outros, que lhe vão fazer lembrar os efeitos dos seus defeitos. Todos devem passar por este exercício. No final, todos sairão vencedores!
3. E o prémio a partilhar é uma palavra ou um gesto de perdão, um beijo, um abraço, um sorriso! O perdão é afinal o tesouro mais precioso, de que a família precisa, todos os dias, de dar e de receber, para impedir que o veneno da “traça” desfaça o elo mais fraco da aliança!

**Homilia no IV Domingo da Quaresma B 2009**

***“É pela graça que fostes salvos, por meio da fé” (Ef.2,5)!***

Ora o povo diria, na sua velha sabedoria: *«a fé é que nos salva»!* Curiosamente, sem saber bem o que está a dizer, o povo está a dizer bem, repetindo as próprias palavras de Jesus, a alguns daqueles que encontrou no seu caminho: “*foi a tua fé que te salvou*”. Mas – perguntemo-nos seriamente: *Que graça é esta, pela qual fomos salvos?* *Que fé é esta, por meio da qual, alcançamos a salvação*? São Paulo explica-o, de maneira muito clara. Escutemo-lo, com paciência.

**1.** “Deus *que é rico em misericórdia, pela grande caridade com que nos amou, a nós que estávamos mortos, por causa dos nossos pecados, restituiu-nos à vida com Cristo*” (Ef.2,4). Paulo refere-se aqui **ao mistério cruz, da morte e da ressurreição de Jesus**, onde se manifestou o cúmulo absoluto da loucura do amor de Deus por nós. Paulo está a dizer que já fomos salvos, já fomos restituídos à vida. E fomo-lo, não por merecermos ser absolvidos, de uma pressuposta inocência! Fomos salvos, não em atenção ao somatório das nossas boas obras. Não. Fomos salvos, simplesmente “***pela grande caridade, com que Deus nos amou***”. «***Deus, que é rico em misericórdia*»,** olhou-nos com amor, amou-nos primeiro, encheu-se de compaixão por nós! Para que pudéssemos ser salvos, quando já não tínhamos remédio para a cura, entregou o Seu Filho Unigénito. Dizer, como São Paulo o diz, e por duas vezes, **«*é pela graça que fostes salvos*»** quer dizer: Fostes salvos, simplesmente, porque o amor de Deus é mais forte do que o pecado, é mais forte do que a própria morte. No fundo, a “graça” é este amor gratuito, incondicional e invencível, com que Deus olha por mim e olha para mim. A graça é Deus a olhar-me, a acariciar-me, a amar-me assim! Mas São Paulo diz mais:

**«*É pela graça que fostes salvos, por meio da fé» (Ef.2,6).***

**2.** De facto, nenhum de nós estaria em condições de se tornar "justo" aos olhos de Deus, somente com as suas boas ações. O homem só é justificado, na medida em que se une a Cristo. Ora, o homem alcança esta união com Cristo, precisamente através da fé. Mas entendamo-nos bem: esta fé não é um pensamento, uma opinião, uma ideia, um sentimento. Esta fé que nos salva é “*comunhão com Cristo*”, é comunhão de vida e amor, com o Senhor, que se entrega por nós, e por isso nos faz viver no Seu amor, em conformidade com Ele. No fundo, a fé que nos salva, é confiar-se a Cristo, é apegar-se a Cristo, é conformar-se com Cristo e entrar no seu amor. Por isso, a fé, se é verdadeira, se é real, torna-se também amor em acção (cf. Gal.5,14). As tais boas obras, que nós julgávamos serem “condição” para Deus nos amar e salvar, não servem mais de moeda de troca. As boas obras são apenas o fruto do amor de Deus, e da sua graça, a agir e a trabalhar em mim!

**3.** Meus queridos irmãos e irmãs: Precisamos todos, e muito, de nos curar da falsa presunção de *que não temos pecado*, ou do que *temos obra feita*, que nos justifique diante de Deus e dos outros. Se não precisamos de ser salvos, então já não há remédio. Deus fica a mais. No fundo, a nossa fé só cura desse mal, na medida em que o nosso olhar se voltar para a Cruz de Cristo e se deixar olhar por Ele. Pois na Cruz, passam dois filmes: o filme da nossa violência, da nossa malícia e da nossa malvadez. E o filme do perdão subversivo de Deus, que acolhe a nossa violência e a dissolve no amor.

**«*Quem pratica a verdade, aproxima-se da cruz e da Luz*» (Jo.3,21)**

4. Nesta Quaresma, é importante olhar outra vez, longa, paciente e intensamente para a Cruz. Olhar aquele corpo, aos nossos olhos exposto por escrito, pode ser verdadeiramente a nossa cura (I Pe.2,24; Is.53,5), pois está ali tudo exposto. Tudo às claras. Como a venenosa serpente, em nós escondida e disfarçada, mas agora levantada diante dos nossos olhos, fica ali bem à vista, o mal de que padecemos. Diante da Cruz, podemos confessar a verdade, sem medos, sem receios, porque nenhum tribunal nos julgará, nenhuma retaliação se seguirá, nenhuma ameaça nos perseguirá. De facto, ninguém nos acusou, Deus não nos condenou.

5º Agora que sabemos qual é o mal, em nós instalado, e que há remédio para ele, podemos **encetar o processo da cura**. Olhemos para a Cruz. Quem se aproxima da Cruz, toca a verdade. E quem pratica a verdade, aproxima-se da Luz!

**Homilia no IV Domingo da Quaresma B 2003**

**1.** Uma crónica de guerra e uma promessa de Paz, nos anais da História de Israel. O autor da primeira leitura, ao mesmo tempo que nos traz «*as últimas*» da guerra, assina por baixo, um interessante artigo de opinião. O cronista explica a causa remota do conflito entre os caldeus e o povo de Israel: Os judeus *multiplicaram as suas infidelidades, imitando os costumes abomináveis das nações pagãs e profanaram o Templo*» (II Cron.36,14). E isto apesar de todos os esforços de Paz, da parte de Deus, que bem «*queria poupar o seu Povo*». Na verdade, «*Deus, desde o princípio e sem cessar, enviou-lhes mensageiros e profetas, mas eles escarneciam dos mensageiros de Deus, desprezavam as suas palavras e riam-se dos profetas, a tal ponto que deixou de haver remédio»* (II Cr.36,15-16). E segue-se paralelamente o relato dos chamados efeitos colaterais da guerra: «*os caldeus incendiaram o templo de Deus, demoliram as muralhas de Jerusalém, lançaram fogo aos seus palácios e destruíram todos os objetos preciosos. O rei dos caldeus deportou para a Babilónia todos os que tinham escapado ao fio da espada*» (II Cr.36,18-20). Só mesmo por ironia estes caldeus são os velhos antepassados nas terras e gentes do atual Iraque. Famoso aliás o seu saque a Jerusalém!

**2.** Depois, expulso para fora da sua Terra, Israel chora lágrimas de sangue, «*junto aos rios da Babilónia»*, com saudades de Sião (Sal.136). Mas o Povo precisará de chegar aí, ao escuro exílio dos setenta anos, para perceber, na Luz imensa de Deus, o seu próprio pecado e aprender a lição: quando a humanidade faz «*orelhas moucas*» à Palavra de Deus e avança cega, **por sentidos proibidos**, por caminhos de egoísmo e de desprezo pelos outros, está a assinar a sua própria condenação, a caminhar fatalmente para a destruição e para a morte.

No entanto, acrescenta o autor das Crónicas, Deus tem **remédio para a cura e para a vida**. E o remédio – diz o evangelho - **está no olhar**, está num simples **abrir ou fechar de olhos**, diante da Cruz Salvadora de nosso Senhor Jesus Cristo.

**3.** Somos desafiados, neste domingo, **a olhar de frente para a Cruz**. A ver aí a **realidade nua e crua do nosso pecado, dos nossos desvios e faltas**. A nossa cura começa pelo reconhecer a própria doença, pelo assumir da culpa inteira, sem cair na tentação de «*fechar os olhos*» ao pecado, ou de o deitar para trás das costas. No deserto, o Povo de Deus olhava para a serpente de bronze, cravada num poste, e ficava curado (Num.21,8). Não, obviamente, por causa da serpente, nem do bronze. Mas curado, por causa desse olhar, desse frente-a-frente, diante do mal e do seu veneno, desenhado e espetado naquele poste, mas **escondido e envergonhado** dentro de cada um de nós. Naquela «*serpente*» está a imagem daquilo que eu sou e não quero ver. Naquela «*serpent*e» fala tudo aquilo que é meu e tenho medo de assumir, de confessar ou de dizer. De facto, «*todo aquele que pratica más ações odeia a luz e não se aproxima dela, para que as suas obras não sejam denunciadas*».

**4.** Ponhamo-nos, agora, de frente à Cruz, onde o Filho do Homem é elevado, *«como a serpente no deserto*» (Jo.3,14-15). Olhemos com fé, para esta Cruz. Porque do lado aberto do Crucificado, jorra água e sangue, brota uma fonte de graça e de saúde, um rio de paz e misericórdia, o **remédio santo**, para curar e enxugar todas as nossas lágrimas de dor e arrependimento. Ali, na Cruz, se revela, muito para além do meu pecado, a abundante «*riqueza da misericórdia de Deus»* (Ef.2,4).

**5.** Somos convidados, nesta Quaresma, como Nicodemos, a sair do escuro e sombrio pecado da noite, em que nos perdemos, rastejando em jardins e por sentidos proibidos. Somos convidados a destapar a vergonha do nosso próprio pecado, para nos pormos a caminho… e nos expormos diante da Luz de Deus, que veio a este mundo (Jo.1,5;3,19).

O Sacramento da Reconciliação é um bom exercício prático da verdade, de confissão humilde e contrita das nossas culpas, diante da misericórdia de Deus, que nos restituiu à vida. Na «Confissão» trata-se de um frente-a-frente, sem a cortina de fumo das nossas ilusões e mentiras. «*Quem pratica a verdade, aproxima-se desta Luz*» (Jo.3,21). Que é afinal o sentido único para a nossa Vida.

**Homilia no IV Domingo da Quaresma B 2003 - Fregim**

**1.** Veio de noite, tolhido pelo medo, tocado pela Luz. Nicodemos era um intelectual, um pensador, um fariseu respeitado e muito sabido nas coisas da religião. Curioso como um filósofo e tímido como um menino. Ele caminha das trevas para a luz. Vai de noite em busca da Verdade, insatisfeito com todas as respostas, ao encontro da Luz que é Jesus.

Imagino os acertos e desacertos daquela conversa. Ele que era um fariseu, homem de livros, habituado a olhar orgulhosamente para as boas obras como moeda de troca para a salvação, ensinado a imaginar o mundo como o pórtico do Inferno ou inimigo número um da alma... E Jesus... a ouvi-lo pacientemente até que, no fim, o Mestre enterra tudo o que ele sabe e fá-lo mirar a Cruz, com o olhar da fé. *Cruz elevada como a serpente do deserto*. Quem olhar para ela, será salvo! Ali, na Cruz, se revela, muito para além do meu pecado e do pecado do mundo, a abundante «*riqueza da misericórdia de Deus»* (Ef.2,4).

**2.** Está ali tudo. Na Cruz, o testamento de um Deus que nos ama e nos ama até ao fim, sem nunca desistir de nós. Na cruz o testemunho de uma humanidade cega, culpada e malfeitora que rejeita o Amor. Ali, Deus salvou sem pedir nada em troca. **Fomos salvos de graça**! Ali, na cruz, Deus entregou o seu Filho. E então foi a hora da verdade, do encontro e do desencontro: **uns** acolheram o amor e acreditaram. Deixaram-se atrair pelos braços abertos do Crucificado e foram salvos. **Outros**, com medo de serem descobertos e denunciados nas suas más ações, recusaram, fugiram à luz... E condenaram-se.

**3.** Somos desafiados, neste domingo, **a olhar de frente para a Cruz**. A ver aí a **realidade nua e crua do nosso pecado, dos nossos desvios e faltas**. A nossa cura começará exatamente pelo reconhecer da própria doença, pelo assumir da culpa inteira, sem cair na tentação de «*fechar os olhos*» ao pecado, ou de o deitar para trás das costas.

No deserto, o Povo de Deus olhava para a serpente de bronze, cravada num poste, e ficava curado (Num.21,8). Não, obviamente, por causa da serpente, nem do bronze. Mas curado, por causa desse olhar, desse corajoso frente-a-frente, diante do mal e do seu veneno, desenhado e espetado naquele poste, mas **escondido e envergonhado** dentro de cada um de nós. Naquela «*serpente*» está a imagem daquilo que eu sou e não quero ver. Naquela «*serpent*e» fala tudo aquilo que é meu e tenho medo de assumir, de confessar ou de dizer. De facto, «*todo aquele que pratica más ações odeia a luz e não se aproxima dela, para que as suas obras não sejam denunciadas*». Não por acaso, até na guerra, *a noite* em Bagdad, se tornou o símbolo do ataque e da destruição!

**4.** Somos convidados, caríssimos irmãos, nesta Quaresma, como Nicodemos, a sair do escuro e sombrio pecado da noite, em que nos perdemos. Somos convidados a destapar a vergonha do nosso próprio pecado, a enfrentá-lo com coragem, e pormo-nos a caminho… para nos expormos diante da Luz de Deus, que veio a este mundo (Jo.1,5;3,19).

**5.** E isso podemo-lo fazer diariamente no **exame de consciência**, antes de adormecer, vendo e revendo, na luz de Deus, tudo o que fomos e por onde andamos. Para assim passar da noite para o dia; dia novo, em que serei outro para os outros. O Sacramento da **Reconciliação**, em tempo de Quaresma, é também um bom exercício prático da verdade, de confissão humilde das nossas culpas, diante da infinita misericórdia de Deus, que nos restituiu à vida. Trata-se de um frente-a-frente, sem a cortina de fumo das nossas ilusões e mentiras. «*Quem pratica a verdade, aproxima-se desta Luz*» (Jo.3,21).

A palavra de Deus é uma palavra de esperança sem limites. «Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito (…) para que o mundo seja salvo por Ele» (*Jo* 3, 16.17). Deus nunca nos considera um caso perdido. Continua a convidar-nos para erguermos os olhos para um futuro de esperança, e promete-nos a força para o realizar. Como diz São Paulo, Deus criou-nos em Cristo Jesus para levarmos uma vida justa, uma vida em que pratiquemos boas obras segundo a sua vontade (cf. *Ef* 2, 10).

**Homilia no IV Domingo da Quaresma B 2000**

**1.** *‘Se eu de ti, me não lembrar Jerusalém, fique presa a minha língua’* (Sal.136,6). Jerusalém é a mãe de todos os filhos de Abraão; é o coração onde bate a fé de todos os crentes, filhos e descendentes de um Deus Maior. Israel, fora da sua terra, derrama lágrimas de saudades, que correm sobre os rios da Babilónia. Chora a sua sorte, o seu arrependimento. Recorda as palavras dos profetas. Lembra as festas no Templo da Cidade Santa. E faz por tudo por não esquecer Jerusalém, “a maior das suas alegrias”. E quando já não vê remédio e grita pela cura, eis que o Senhor, completados setentas anos, reconduz o seu Povo à sua Terra. Fá-lo olhar de novo para o alto e levanta-o do chão. E os que, “*à ida, foram a chorar, à volta vêm a entoar*” (cf. Sal.125,6) cânticos de Sião. O exílio é essencialmente o tempo da memória, em que o Povo de Deus recorda Jerusalém, recorda a palavra dos profetas e escuta a promessa da nova aliança. É então que se arrepende. O exílio foi o tempo necessário para se erguerem da desolação e meterem pés ao caminho! Para Jerusalém, cidade da Paz!

**2.** Como não recordar, nesta peregrinação de regresso a Jerusalém, a última viagem do Papa João Paulo II?! Uma viagem ao encontro da Cidade Santa, precisamente para fazer, como o povo bíblico, memória e reconciliação. Para recordar os desvios no caminho feito e abrir caminhos novos de paz. «Do Santo Padre – *confessa um intelectual judeu* - ficou-nos a magnífica imagem de um homem muito velho, exausto, quase em lágrimas, aos pés de Cristo Crucificado, num gesto de humildade que não se via desde há séculos» *(Bernard Henry-Levy).*

**3.** É a isso que nos convida o Evangelho de hoje. A olhar para a Cruz. E, à sombra desta Cruz, encontrar Luz para os males do nosso mundo, Sentido para as desgraças da nossa vida, Força para os fracassos do nosso percurso, Remédio para as feridas da nossa alma. De facto, olhando para a Cruz de Cristo, onde o «*Filho do Homem é elevado*», vemos mais o remédio que a doença, mais a misericórdia que o pecado, mais a força do amor divino que a fraqueza da carne humana. Veremos, então, na Cruz, como onde há dor e noite, exílio e sofrimento, drama e pecado, há também e aí precisamente sementes de esperança que florescem, frutos de vida nova que despontam. Os que «*à ida vão a chorar, levando as sementes, à volta, vêm a cantar, trazendo molhos de espigas*» (Sal.125,6) Veremos então, como entre as asperezas do caminho, crescem pequenas flores brancas de esperança. Veremos como «*os que semeiam em lágrimas, recolhem com alegria*” (Sal.125,5).

**4.** Olhando para a Cruz de Cristo, sabemos que o mundo está (a) salvo, que o mundo é realmente o jardim da Criação amado por Deus. E que, muito embora neste jardim haja plantas venenosas, que nos podem matar... no mesmo jardim Deus faz nascer outras plantas, que nos curam de tal veneno. Ali, onde há solidão e ausência de Deus, ali onde há deserto e desastre, a semente do Reino continua a crescer, sem a gente saber como... porque o deserto é fértil. A vida triunfa da morte. A Primavera vem depois do Inverno, a alegria vem depois da Cruz.

**5.** Mas não só o mundo está (a) salvo. É belo olharmos para o pecado e para a Cruz da nossa vida, na Cruz de Cristo e, em vez de ficarmos (a)enterrados no chão da nossa miséria ou da nossa pouca sorte, erguermos a cabeça para o Alto e acreditarmos que também nós estamos (a) salvo(s)[[1]](#footnote-1). Disto foi exemplo o Apóstolo Pedro. Ele pecou. Mas «*ao recordar-se das palavras de Jesus*», arrependeu-se e chorou. Ao fazer memória daquele olhar com que o Mestre o tocava, ele deixou-se abraçar inteiramente pela misericórdia. O olhar *de* Cristo e o olhar *para* Cristo na Cruz não o deixou deprimido no seu pecado. Resgatou-o de toda a angústia e salvou-o no seu amor.

Há oito dias olhamos para nós, a partir de dentro. E vimos os nossos muitos pecados. Hoje deixemo-nos olhar por Deus a partir de cima. E contemplemos na Cruz, “*Deus rico em misericórdia*”. Ponhamos os nossos pés em caminho largo. E voltemos a Jerusalém, ao coração da Igreja Mãe. Para pedir e oferecer perdão. Para então, e agora mais do que nunca, viver em aliança, fazer memória e reconciliação!

**Homilia no IV Domingo da Quaresma B 1997**

“*Sobre os rios da Babilónia nos sentámos a chorar, com saudades de Sião! Nos salgueiros das suas margens, dependurámos as nossas harpas*”!

Israel despe o traje de festa e veste-se de pranto... Longe da sua terra, sobre os rios da Babilónia, Israel bebe das lágrimas da saudade. Na memória do seu olhar, paira a sombra formosa da colina de Sião. Na lembrança do ouvido, ecoam ainda os hinos entoados no Templo. No segredo do coração, mora agora a perdida alegria que em Jerusalém desfrutava. Desterrado na Babilónia, Israel canta a dor da solidão, para esquecer a mágoa da Filha de Sião abandonada. Israel chora com a doce lembrança da terra que perdera. Fora da Pátria que deixara, Israel é um povo que morre de sede junto aos rios da Babilónia. Porque a lembrança da Pátria dava a vida e a tirava! “*Sem chefe, nem guia, nem profeta, nem Templo onde se penitenciar*” (Dan.3,34-43) *sem o dia de Sábado para descansar*... eis um Povo à mercê da sorte alheia. Um povo a quem só resta a memória e a saudade...

É o tempo do seu «exílio». Setenta anos em terra estrangeira. Pior ainda que os quarenta de deserto. Porque sem nenhum sinal do alto, sem nada na terra a que se agarrar, sem lugar onde morar, sem futuro por que esperar... sem Templo onde rezar... sem horizonte a mirar... Israel não podia cantar... Olha então para dentro. Entra de olhos abertos no claro-escuro da sua história. E faz a memória do seu passado. No desterro, Israel passa pelo crivo da nua verdade a crua amargura do seu coração. E aprende. Aprende muito. Aprende a não esquecer. Aprende a ver o que antes não descobria. A desejar o que antes aborrecia. A agradecer o que primeiro nem lhe sabia. E descobre nas páginas do seu passado as linhas tortas onde Deus inscrevera o seu amor. Resta a memória. E pela memória purificada deste povo passam agora e também os tempos do primeiro amor, as cenas da aliança, os tempos idos da ternura e do encanto do seu Deus. E eram tantos que chorava...

*«Como poderíamos nós cantar um cântico do Senhor em terra estrangeira? Se eu me esquecer de ti Jerusalém fique presa a minha língua”.* Porque a lembrança do Senhor dava a vida e a tirava...

A melodia deste salmo anda por aí cantada. Corre suave sobre rios de lágrimas. A nossa vida e o nosso mundo, tão queridos por Deus e tão avessos a Ele, são tantas vezes esta Babilónia de desolação, de vazio, de desnudamento e desencanto.

Sentimo-nos, na Pátria da nossa terra, estrangeiros vindos de parte nenhuma. Sem nada de fundo onde enraizar. Sem nada de profundo para nos elevar. Somos estes peregrinos, homens de um tempo sem memória, a gemer e a suspirar por entre as margens da Vida.

Mas a nossa vida, do pecado lavada, é essa torrente por Deus sempre regada. Ele ama-nos e não nos abandona. Ele quer-nos e não desiste. Ele salva-nos, pelo seu amor, pela sua grande misericórdia. A sua bondade, espetada na Cruz, atravessa o arco da história e abraça os séculos futuros... É esta certeza que de novo, nos faz levantar e pormo-nos a caminho. Não esqueçamos. Deus está connosco. Deu a Vida por nós. E não falta ao seu amor...

**Homilia no IV Domingo da Quaresma B 1994**

Veio de noite, tolhido pelo medo, tocado pela Luz. Nicodemos era um intelectual, um fariseu respeitado e sabido nas coisas da religião. Curioso como um filósofo e tímido como um menino.

Vai em busca da Verdade, insatisfeito com as respostas, ao encontro de Jesus. Imagino os acertos e desacertos desta conversa. Era um fariseu, homem de livros, habituado a olhar orgulhosamente para as boas obras como moeda de troca para a salvação, ensinado a imaginar o mundo como o pórtico do Inferno ou inimigo número um da alma... E Jesus... a ouvi-lo pacientemente até que, no fim, enterra tudo o que ele sabe e fá-lo mirar a Cruz, com o olhar da fé. *Cruz elevada como a serpente do deserto*. Quem olhar para ela, será salvo! *Cruz da Glória, Cruz da morte e da ressurreição*.

Jesus fala de salvação, de amor, de fé, do mundo. E resume tudo no sinal da Cruz. Está ali tudo. Na Cruz, o testamento de um Deus que nos ama e nos ama até ao fim, sem nunca desistir de nós, sem fugir do mundo... na cruz o testemunho de uma humanidade cega, culpada e malfeitora que rejeita o Amor. Ali, Deus salvou sem pedir nada em troca. **Fomos salvos de graça**! Ali, na cruz, Deus entregou o seu Filho. E então foi a hora da verdade, do encontro e do desencontro: **uns** acolheram o amor e acreditaram. Deixaram-se atrair pelos braços abertos do Crucificado e foram salvos. **Outros**, com medo de serem descobertos e denunciados nas suas más ações, recusaram, fugiram à luz... E condenaram-se.

E a conversa deve ter dado «pano para mangas». Queria, hoje e convosco, retomar um pequeno retalho, quando Jesus diz: *Deus amou de tal modo o Mundo, que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o Homem que acredita n’Ele não morra mas tenha a Vida eterna*»!

Para surpresa de Nicodemos e para espanto de muitos, afinal o Mundo não é parceiro do Demónio e da Carne, o inimigo número um da alma. O Mundo é amado por Deus. Deus também está no Mundo. O Mundo é o espaço do encontro do Homem com Deus. É o espaço do sentir, do pulsar e do viver do Homem, no seu misto de grandeza e miséria. Deus ama o mundo. Deus ama o que criou. Deus quis o mundo, não como um inimigo da alma ou um *concorrente da Igreja*, mas o mundo como *o lugar da nossa Vida, o berço da nossa existência, obra da bondade e da generosidade de Deus*.

É no mundo das coisas, da história, da vida e dos homens que Deus se encontra connosco, aí nos fala e nos chama à Vida, à comunhão com Ele. Não precisam de batismo cristão as escolas, os livros, os governantes, os jornais, as rádios e a TV para serem bons. Valem por si mesmos, quando, por si mesmos têm valores de humanidade e de Evangelho. Deus amou de tal modo o mundo que entregou o seu Filho para que, acreditando, encontremos a Vida e a encontremos desde já nas coisas boas, belas e saborosas que o mundo nos oferece. Mas só O vê aquele que se aproxima da Luz!... O essencial é invisível aos olhos!

1. «a salvo» ou «salvos». [↑](#footnote-ref-1)